

CARACTERIZAÇÃO DE PERÍODOS FRIOS CRÍTICOS
PARA A AGRICULTURA TRADICIONAL CAPIXABA



EMCAPA

Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária
Vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura

CARACTERIZAÇÃO DE PERÍODOS FRIOS CRÍTICOS PARA A
AGRICULTURA TRADICIONAL CAPIXABA

Leandro Roberto Feitoza
Braz Eduardo Vieira Pacova



EMCAPA

Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária
Vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura

EMPRESA CAPIXABA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMCAPA
Caixa Postal, 391
29.000 - Vitória (ES)
Brasil

551.05 FEITOZA, L.R. & PACOVA, B.E.V. Caracteriza-
F 311c ção de períodos frios críticos para a agri-
1985 cultura tradicional capixaba. Cariacica-
ES, EMCAPA, 1985. 12p. (EMCAPA - Documen-
tos, 7).

1. Agrometeorologia - período frio - agri-
cultura tradicional - Brasil - Espírito San-
to. 2. Agricultura tradicional - período
frio - Brasil - Espírito Santo. I. Pacova, B.
E.V. colab. II - Título. III. Série.

APRESENTAÇÃO

A variável "período frio" é um dos doze componentes da carta de clima que está sendo elaborada pela EMCAPA. Procurou-se, com a colaboração dos agricultores, caracterizar e traduzir este parâmetro térmico, de modo simples, facilitando, a nível regional, o seu entendimento pelos usuários.

A DIRETORIA

CARACTERIZAÇÃO DE PERÍODOS FRIOS CRÍTICOS PARA A
AGRICULTURA TRADICIONAL CAPIXABA

Leandro Roberto Feitoza¹
Braz Eduardo Vieira Pacova²

Está sendo desenvolvido pela EMCAPA, no Espírito Santo, um trabalho sobre estratificação de unidades climáticas, onde todas as variáveis envolvidas apresentam importância sob o ponto de vista agrícola. Para a sua concretização, são necessárias várias etapas correspondentes ao estudo individual de cada variável que irá fazer parte da carta climática.

Dentre as variáveis térmicas escolhidas para o referido trabalho, a informação "período frio" foi considerada importante. Considerou-se que, se esta variável fosse relacionada a uma cultura tradicional de comportamento muito conhecido dos agricultores, esta "informação térmica" seria de fá-cil compreensão, e, de certa forma, estaria mais adequada às nossas condições do que uma informação como, por exemplo, "período de repouso vegetativo", mais usual em regiões onde há predominância de culturas pouco exploradas em nosso Estado.

¹ Pesquisador MSc. EMCAPA

² Pesquisador MSc. EMBRAPA/EMCAPA

As culturas de feijão, milho e arroz são muito comuns no Espírito Santo e o conhecimento sobre o comportamento dessas plantas vem sendo acumulado, pelo agricultor capixaba, ao longo do tempo, em várias épocas do ano e em locais de condições térmicas distintas.

Partindo-se desta realidade, teve-se a preocupação de consultar os agricultores, os quais, tomando como referência uma cultura tradicional, caracterizariam a variável "mês frio" de uma forma relacionada à planta e facilmente compreensível pelo próprio homem do campo.

As informações foram obtidas, em abril de 1984, por entrevista livre, abrangendo 51 agricultores, estabelecidos entre 50 e 1130 metros de altitude, percorrendo-se várias bacias hidrográficas, na zona de relevo acidentado ao Sul, e alguns pontos ao Norte do Estado, na zona montanhosa da divisa com Minas Gerais e zona de tabuleiros (baixa altitude). Nesta última, a variabilidade nas condições térmicas apresenta-se menos acentuada.

Durante a entrevista, procurou-se transmitir, aos agricultores, que o objetivo da mesma era conhecer em quais épocas do ano as baixas temperaturas impediriam que se plantas se a cultura, supondo-se que as outras condições estivessem ideais.

As cultivares de feijão mais comumente plantadas pelos

agricultores entrevistados eram: Alemãozinho, Angazinho, Bico de Ouro, Bico de Andorinha, Castelinho, Capixaba Precoce, Caboclinho, Chumbinho, Caitezinho, Meia-Noite, Gargaú, Levanta Hipoteca, Mulatinho, Manteigão, Mata Mulher, Nova Planta, Oitos e Nove, Paco Mineiro, Preto, Preto Mas Não É, Preto Vagem Branca, Paranazinho, Paina, Pé de Pombo, Porto Alegre, Roxinho, Rio Tibagi, Rapacuaia, Rico 23, Santa Catarina ou Vagem Riscada, Terrinha, Terrão e Uberabinha. As cultivares de milho mais comumente plantadas pelos entrevistados eram: Asteca, Catetão, Cateto, Cayana, Castelinho, Catete, Mogiana, Milho Branco, Pioner Palha Roxa e "Híbridos da Agrocere". As cultivares de arroz mais conhecidas pelos entrevistados eram: Arroz de Maio, Arroz de Morro, Arroz Nanico, Arroz Agulha, Arroz Redondo do Brejo, Douradão, Doidão, "Arroz de Sequeiro" e Taquara.

A cultura do feijão, no Estado do Espírito Santo, de acordo com depoimento dos agricultores, apresenta-se mais sensível e é afetada de modo mais prejudicial por baixas temperaturas que a do milho e do arroz. O agricultor capixaba consegue, em condições ideais de umidade, em qualquer ponto do Estado, armar um esquema para que se tenha a cultura do arroz e do milho ocupando o terreno durante o ano todo, podendo-se, inclusive, plantar esta última no mês mais frio, nas regiões mais altas percorridas pelos entrevistadores (1130m de alti-

tude). Entretanto, para a cultura do feijão, de ciclo mais curto e mais sensível ao frio, essa condição de ocupação do solo durante todo o ano não se mostrou possível em todos os locais. Todos os agricultores apresentaram pleno domínio de conhecimento sobre as culturas do feijão e do milho que lhe são tradicionais. Entretanto, a maioria deles revelou não ter experiência suficiente com a cultura do arroz, e observou-se que, de modo geral, ele não era cultivado nas propriedades, como no caso de milho e feijão. O ciclo da planta apresentase muito variável: registrou-se, em alguns relatos, que a poucos quilômetros de distância, em locais situados a altitudes de 1100 e 600 metros, o milho plantado no mês de setembro apresenta ciclos de 8 e 5,5 meses, respectivamente. O feijoeiro plantado no final de março, num local a 1100 metros, pode alongar de 15 a 30 dias além do ciclo normal.

A variável agroclimática "período frio" em meses foi computada quando sintomas característicos do feijoeiro revelavam que a planta se apresentava, no período, sob condições de temperaturas baixas limitantes. As informações foram transmitidas por agricultores e optou-se pelo uso dos dados sobre o feijoeiro, por ser planta de ciclo mais curto e considerada, por eles, como mais sensível às baixas temperaturas.

Caracterizou-se período frio como aquele em que se co

locando a semente em campo, as plantas de feijão manifesta - riam encrespamento das folhas e os produtores teriam a produ ção comprometida em decorrência do desenvolvimento das plan tas a temperaturas baixas.

Com as informações colhidas dos agricultores, cons - truiu-se um histograma, no qual as abcissas representaram os meses do ano e as ordenadas, a altitude. Observou-se que os grupos de agricultores situados a altitudes superiores a 1100m, os situados entre 900 e 1100m, entre 700 e 900m, en - tre 600 e 700m, entre 500 e 600m, e os situados a altitudes inferiores a 400m prestaram depoimentos muito semelhantes dentro de cada grupo, no que diz respeito aos períodos em que a "friagem" seria prejudicial ao feijoeiro. Os situados entre 400 e 500 metros apresentaram depoimentos divergentes, próprios da zona de transição onde o frio ora se mostra pre judicial, ora não, dependendo do local ou ano.

Nas regiões situadas a altitudes superiores a 1100 me - tros, o "período frio" estende-se de meados de março a final de agosto; nas regiões entre 900 e 1100m, o "período frio" es tá compreendido entre meados de março e meados de agosto; entre 700 e 900m, o "período frio" abrange desde princípio de abril até meados de agosto; entre 600 e 700 metros, o "pe ríodo frio" abrange os meses de abril, maio, junho e julho; entre 500 e 600m, o "período frio" situa-se entre meados de

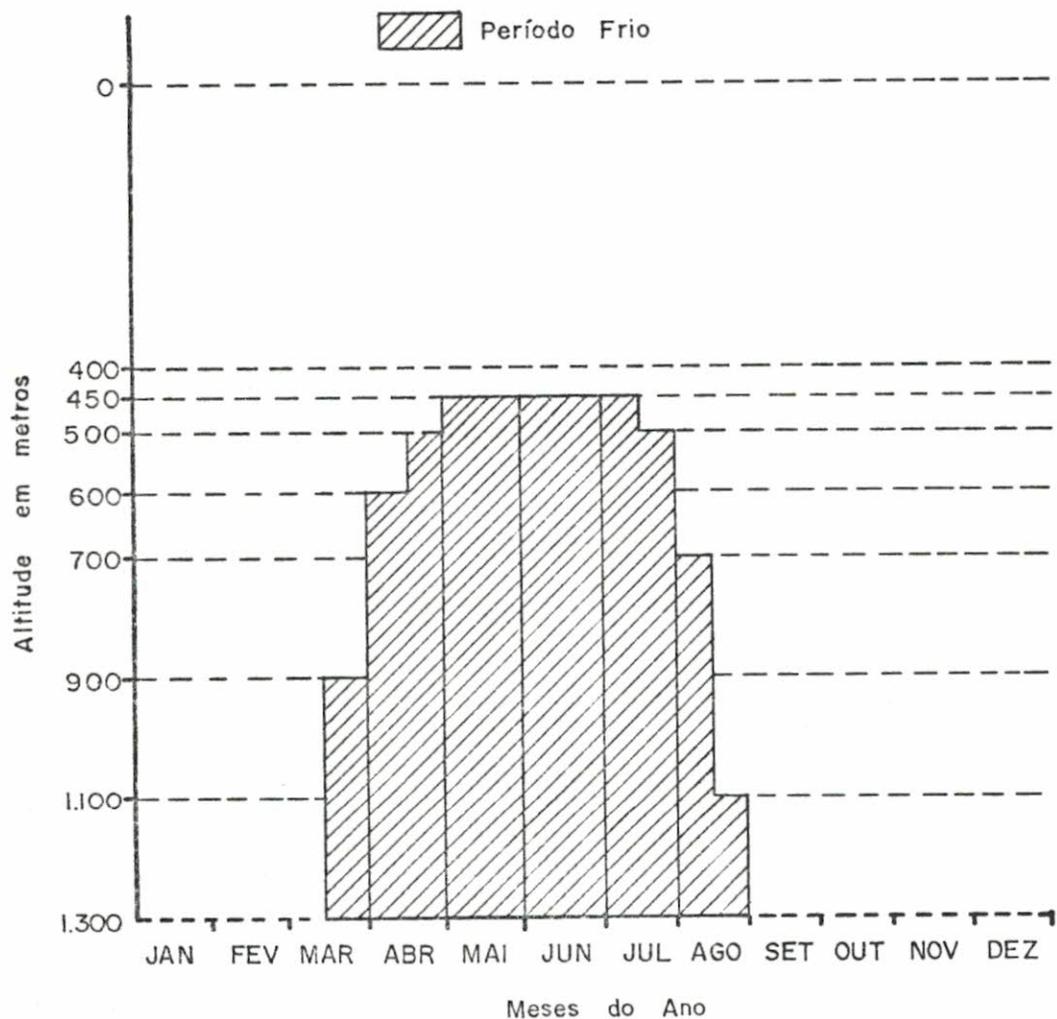


Figura 1 — Observação dos agricultores sôbre o período considerado frio para plantio de feijão em diferentes altitudes no Estado do Espírito Santo.

abril e final de julho; nas situadas entre 400 e 500m, consideradas zona de transição, o "período frio" pode ou não ocorrer, e, quando ocorre, sua fase crítica pode abranger os meses de maio, junho até meados de julho; nas inferiores a 400m não ocorrem "períodos frios"(Figura 1).

Vários agricultores, moradores de regiões inferiores a 450m de altitude, alertaram que o calor de novembro, dezembro, janeiro, até meados de fevereiro é muito prejudicial às plantas, mesmo que estas se encontrem em condições ideais de umidade no solo ou livres do excesso habitual das chuvas de verão. Diversos entrevistados estabelecidos entre 450 e 750 metros alertaram que, em suas regiões, o calor é prejudicial às plantas do princípio de novembro a final de janeiro. Entre 750 e 950 metros, os agricultores consideram que o período em que o calor é prejudicial às plantas é dezembro e janeiro. Por outro lado, alguns agricultores também na faixa entre 450 e 950 metros, contrariando o depoimento de companheiros, alegam que o calor não é prejudicial ao desenvolvimento normal das plantas, o que sugere que essa observação fora da zona quente (áreas em altitudes superiores a 450m) seja analisada com cautela. Os agricultores moradores em altitudes superiores a 950 metros, que prestaram depoimento sobre o assunto, não consideram as altas temperaturas da região prejudiciais à cultura. Estes depoimentos merecem atenção da pesquisa que

poderá estudar as causas e fornecer informações mais abalizadas sobre o assunto.

Com as observações transmitidas pelo homem do campo e sintetizadas na Figura 1, pretende-se colocar numa carta de clima um tipo de informação agroclimática, relacionado à temperatura, porém caracterizado de modo simples, de fácil entendimento por qualquer usuário que necessite comparar as diferenças em frio entre regiões que se diferenciam, marcadamente, em espaços curtos na cadeia montanhosa que abrange parte deste Estado.